



ARTIGOS - ARTICLES

Da bexiga à vacina:
a obra pedagógica de Manoel Joaquim Henriques de Paiva

Amanda Peruchi
Doutora em História UNESP/Franca
amandaperuchi@outlook.com

Resumo: Este trabalho objetiva apresentar uma inédita edição, com estudo introdutório, da obra *Preservativo das bexigas [...]*, do médico português Manoel Joaquim Henriques de Paiva, publicada em 1801. Trata-se do primeiro escrito em língua portuguesa a divulgar e defender a vacina contra a varíola, desenvolvida por Edward Jenner no final do século XVIII. Com essa obra, Henriques de Paiva buscava elencar os benefícios da vacina *vacuus* e convencer a população “em todas as províncias de Portugal e de seus Domínios, mormente no Brasil, onde são vítimas das bexigas ordinárias milhares e milhares de pessoas”, a colocar “em prática este maravilhoso descobrimento”. Assim, a edição aqui apresentada situa historicamente e dá luz a um relevante documento da época da aplicação das primeiras vacinas contra a varíola no Brasil e em Portugal. Além disso, é também propósito deste trabalho estimular a discussão sobre o papel dos especialistas na popularização de certos procedimentos médicos, visto que o *Preservativo das bexigas [...]* é uma peça pedagógica sobre a vacinação.

Palavras-chave: Manoel Joaquim Henriques de Paiva; História das ciências; séculos XVIII e XIX.

*From the bladder to the vaccine:
the pedagogical work of Manoel Joaquim Henriques de Paiva*

Abstract: This paper aims to present an unprecedented edition, with an introductory study, of the work *Preservativo das bexigas [...]*, by the Portuguese doctor Manoel Joaquim Henriques de Paiva, published in 1801. It is the first written in Portuguese to publicize and defend the smallpox vaccine, developed by Edward Jenner at the end of the 18th century. With this work, Henriques de Paiva sought to list the benefits of the vaccine and to convince the population “in all the provinces of Portugal and its domains, especially in Brazil, where thousands and thousands of people are victims of the ordinary bladders”, to “put this wonderful discovery into practice”. Thus, the edition historically situates and sheds light on a relevant document from the time of the application of the first smallpox vaccines in Brazil and Portugal. In addition, it is also the purpose of this work to stimulate the discussion about the role of specialists in the popularization of certain medical procedures, since the *Preservativo das bexigas [...]* is a pedagogical piece about vaccination.

Keywords: Manoel Joaquim Henriques de Paiva; History of science; 18th and 19th centuries.

Um vírus contagioso, desfigurante e, muitas vezes, mortal

Em 1801, saiu à luz, na cidade de Lisboa, o primeiro texto em língua portuguesa¹ com o propósito de divulgar e defender a vacina contra a varíola desenvolvida pelo médico inglês Edward Jenner (1749-1823),² no final do século XVIII:³ o *Preservativo das bexigas e dos seus terríveis estragos ou Historia da origem e descobrimento da vacina, dos seus efeitos ou symptomas, e do methodo de fazer a vaccinação &c.*, de autoria do médico e boticário português Manoel Joaquim Henriques de Paiva (1752-1829).⁴ A varíola, ou a bexiga – como ficou popularmente conhecida por espalhar uma série de bexiguinhas sobre a pele do enfermo –,⁵ foi uma doença altamente contagiosa e, por vezes, mortal. Ela chegou a

¹ Sobre essa afirmação, Pita anota que “tudo parece indicar ser a primeira obra redigida por um português”. PITA, João Rui. Manuel Joaquim Henriques de Paiva: Um luso-brasileiro divulgador de ciência. O caso particular da vacinação contra a varíola. *Mneme. Revista de humanidades*. Caicó, Rio Grande do Norte, v.10, n.26, p.91-102, jul./dez. 2009, p. 97. O próprio trabalho de Edward Jenner, *An Inquiry into the Causes and Effects of the Variolae Vaccinae*, de 1798, só ganhou uma versão em língua portuguesa, em 1803, quando foi traduzido por João António Monteiro (1769-1834), médico e lente da Universidade de Coimbra, entre 1793 e 1822, e impresso pela Regia Officina Typographica sob o título de *Indagação sobre as causas, e efeitos das bexigas de vacca, moléstia descoberta em alguns dos condados occidentaes da Inglaterra, particularmente na comarca de Gloucester, e conhecida pelo nome de vacina*. Cf. *Historia e Memorias da Academia R. das Sciencias de Lisboa*. Lisboa: Typographia da mesma Academia, 1815, t. IV, parte I, p. 51.

² BARON, John. *The life of Edward Jenner*. With illustrations of his doctrines and selections from his correspondence. London: Henry Colburn, 1827.

³ As primeiras reflexões de Jenner foram publicadas em 1798: JENNER, Edward. *An Inquiry into the Causes and Effects of the Variolae Vaccinae, or Cow-Pox*. London: [s.d.], 1798.

⁴ Nasceu em Castelo Branco, na região da Beira Baixa, em 23 de dezembro de 1752. Era filho do boticário português Antônio Ribeiro de Paiva e Isabel Henriques de Aires, e sobrinho do também boticário João Henriques de Paiva. Seu pai, aliás, era sobrinho do médico e escritor português Antônio Nunes Ribeiro Sanches (1699-1782), além de ter atuado como boticário no Hospital Real Militar e Ultramar. Um de seus irmãos, José Henriques Ferreira, foi comissário do Físico-mor na Bahia, enquanto o outro, Francisco Antônio Ribeiro de Paiva, foi professor de zoologia e mineralogia na Universidade de Coimbra. Ver: PAIVA, MANUEL JOAQUIM HENRIQUES DE, in *Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil* (1832-1930). Disponível em: <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/verbetes/paimanjohe.htm>. Consultado em 08/06/2020. MANOEL JOAQUIM HENRIQUES DE PAIVA. In: BLAKE, Sacramento. *Diccionario bibliographico brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1900, v. 6, p. 113-119.

⁵ A varíola, no Brasil, é considerada erradicada desde a década de 1970, quando a Campanha de Erradicação da Varíola, fortemente difundida nos anos 40, foi desestruturada. FERNANDES, Tania Maria. *Vacina antivariólica: ciência, técnica e o poder dos homens*, 1808-1920. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2010, p. 22. Em 8 de dezembro de 1980, após a Organização Mundial da Saúde (OMS) implantar um amplo programa de erradicação da doença “através do isolamento e da vacinação em massa”, a Assembleia Mundial da Saúde reconheceu a erradicação da varíola.

matar em mais de cinquenta por cento dos casos e, por vezes, deixava os seus sobreviventes estéreis, cegos ou desfigurados.⁶ No século XVIII, período em que a varíola teria atingido o ápice da sua contaminação, explicado pelo aumento da população mundial e pelas rotas comerciais, estima-se que ela tenha levado cerca de 40 milhões de vida no mundo todo; em alguns anos, aliás, ela teria sido responsável pela morte de mais de 10 por cento dos habitantes do mundo.⁷

Têm-se informações de epidemias de varíola desde a mais remota antiguidade. Alguns estudos apontam que múmias do Egito Antigo, como a de Ramsés V (1085 a. C.), apresentam cicatrizes das pústulas ou sequelas típicas da doença.⁸ Todavia, as primeiras notícias mais detalhadas dessa doença epidêmica são encontradas em relatos de casos clínicos feitos por médicos árabes.⁹ No final do século IX, o médico persa Muhammed ibn Zakariya' al-Razi (865-925) – conhecido no Ocidente somente por Rases – abordou as diferenças entre a varíola e o sarampo em seu *Liber de pestilentia*, tecendo comentários específicos acerca da atuação e do quadro clínico das duas moléstias.¹⁰ Após ser identificada e localizada pelo mesmo Rases nas regiões do Mediterrâneo e do oeste da China, a varíola passou a ser avistada em diferentes localidades da África subsaariana, do norte europeu e do arquipélago da Indonésia nos séculos seguintes.¹¹

Em Portugal, terra natal do autor do *Preservativo das bexigas e dos seus terríveis estragos ou Historia da origem e descobrimento da vacina, dos seus efeitos ou symptomas, e do methodo de*

⁶ SIMMONS, John Galbraith. Edward Jenner (1749-1823). A vacinação contra varíola. In: SIMMONS, John Galbraith. *Médicos e descobridores*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2004, p. 191.

⁷ SIMMONS, John Galbraith. Edward Jenner (1749-1823). A vacinação contra varíola. In: SIMMONS, John Galbraith. *Médicos e descobridores*, p. 191.

⁸ ANDRADE, Carlos Henrique Vianna de. *História ilustrada da medicina ocidental na Antiguidade: com suas origens no Oriente Médio e Egito*. São Paulo: Baraúna, 2017, p. 276.

⁹ MICHEAU, Françoise. A idade de ouro da medicina árabe. In: LE GOFF, Jacques (ed.). *As doenças têm história*. Lisboa: Terramar, 1995, p. 69-70; SILVEIRA, Anny Jackeline Torres. “A varíola no Brasil do século XIX”. In: FRANCO, Sebastião Pimentel; NASCIMENTO, Dilene Raimundo do; MACIEL, Ethel Leonor Noia (ed.). *Uma história brasileira das doenças*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013. v. 4, p. 52.

¹⁰ Além disso, este “célebre pequeno tratado”, segundo Micheau, “é olhado por todos como uma obra-prima e ocupa um lugar importante na história da epidemiologia, sendo a primeira monografia conhecida relativa à varíola”. MICHEAU, Françoise. A idade de ouro da medicina árabe. In: LE GOFF, Jacques (ed.). *As doenças têm história*, p. 69-70; SIMMONS, John Galbraith. Edward Jenner (1749-1823). A vacinação contra varíola. In: SIMMONS, John Galbraith. *Médicos e descobridores*, p. 192.

¹¹ SILVEIRA, Anny Jackeline Torres. “A varíola no Brasil do século XIX”. In: FRANCO, Sebastião Pimentel; NASCIMENTO, Dilene Raimundo do; MACIEL, Ethel Leonor Noia (ed.). *Uma história brasileira das doenças*, p. 52.

fazer a vacinação & c., a varíola era, junto das sezões, dos tifos, da sífilis e da tuberculose, uma doença eruptiva que passou a atingir os portugueses, principalmente a partir do século XVII.¹² Nesse tempo, além das viagens, um aumento substantivo no número de habitantes das cidades lusitanas, decorrente da migração dos trabalhadores do campo com suas famílias, ocasionou aglomerados populacionais com grandes espaços de sujeiras e, por consequência, péssimos cuidados com a higiene, o que contribuía com a propagação das doenças. Apesar da imundície, o governo português não tardou a tomar algumas iniciativas para amenizá-la. Em 1611, por exemplo, um regimento de limpeza para a cidade de Lisboa marcava os lugares e a hora exata onde não se podiam lançar as sujeiras.¹³

As doenças, no entanto, e sobretudo as epidêmicas, como a bexiga, não foram amenizadas pelas ações do governo português e continuaram a atingir a população. É dessa época, igualmente, o primeiro texto médico em língua portuguesa que trata da varíola em detalhes: o *Tratado unico das bexigas, e sarampo*, de 1683, de Simão Pinheiro Morão (1618-1686). Médico pela Universidade de Coimbra, Simão Pinheiro Morão veio para o Brasil em 1668 fugindo da Inquisição.¹⁴ Aqui, fixou-se em Recife, onde presenciou uma epidemia de varíola em 1682, da qual também foi atingido. Por esse convívio com a doença redigiu, por ordem de D. João de Sousa, governador da Capitania de Pernambuco,¹⁵ o *Tratado unico das bexigas, e sarampo*, publicado em Lisboa um ano mais tarde.¹⁶ O livro, segundo um dos censores régios, “trata da essência, causas, sinais, prognósticos e cura das ditas enfermidades, com grande erudição, e o julgo por muito digno, e capaz de sair à luz, por ser de muita utilidade, principalmente para os moradores do Brasil”.¹⁷

¹² MIRA, M. Ferreira de. *História da medicina portuguesa*. Lisboa: Edição da Empresa Nacional de Publicidade, 1947, p. 177.

¹³ MIRA, M. Ferreira de. *História da medicina portuguesa*, p. 177.

¹⁴ ALMEIDA, Argus Vasconcelos de. Descrição e tratamento do transtorno da “Mania” em Pernambuco segundo o médico Simão Pinheiro Morão (c.1618-1685), *Psichiatry on line Brazil*, v. 13, n. 11, p. 1-7, nov. 2008.

¹⁵ MOURÃO, Simão Rodrigues. *Tratado unico das bexigas, e sarampo*. Oferecido a D. João de Sousa, composto por Romão Mosia Reinhipo. Lisboa: Officina de João Galvão, 1683, s/p.

¹⁶ ALMEIDA, Argus Vasconcelos de. Descrição e tratamento do transtorno da “Mania” em Pernambuco segundo o médico Simão Pinheiro Morão (c.1618-1685), *Psichiatry on line Brazil*, v. 13, n. 11, p. 1-7, nov. 2008.

¹⁷ Licença de Antonio Ferreyra. In: MOURÃO, Simão Rodrigues. *Tratado unico das bexigas, e sarampo*, s/p.

Dito de outra maneira, o objetivo dessa obra era ajudar os médicos a distinguirem as causas e os sintomas para que eles pudessem prescrever os tratamentos corretos contra a varíola ou o sarampo. Nesse tempo, essas duas doenças eram facilmente confundidas, pois ambas são transmitidas por gotículas respiratórias no ar (tosse ou espirro), saliva ou contato com a pele e demais superfícies contaminadas, e seus infectados podem apresentar erupções seguidas de manchas avermelhadas na pele – ainda que a varíola possuísse as suas características bexiguinhas –, além de tosse, coriza, dores de cabeça, febre, entre outros. Por essa razão, para o devido cuidado do doente era preciso uma correta identificação da moléstia, conforme almejava o livro de Morão.¹⁸ O *Tratado unico das bexigas, e sarampo*, portanto, útil aos portugueses, mas, sobretudo, aos moradores do Brasil, mostra-se como um importante indício de que a varíola, desde o século XVII, já estava presente no reino português e que havia uma grande preocupação em combatê-la, ou, ao menos em identificá-la para melhor tratá-la.¹⁹

Bexiguinhas pelo Brasil

Em *Du climat et des maladies du Brésil ou statique médicale de cet empire*, um estudo sobre as doenças mais presentes no cotidiano dos moradores do Brasil desde o período colonial, publicado em 1844, José Francisco Xavier Sigaud (1796-1856),²⁰ médico francês e há tempos morador da capital do Império, onde desembarcou em setembro de 1825 e fundou, junto de outros médicos, pouco tempo depois, a Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro (1829),²¹ conta que os mais antigos vestígios da varíola no território do Brasil datam do primeiro século da ocupação portuguesa. A primeira epidemia de bexiga no Brasil, segundo o francês, teria ocorrido em 1563 na “ilha de Itaparica e de lá

¹⁸ ALMEIDA, Argus Vasconcelos de. Descrição e tratamento do transtorno da “Mania” em Pernambuco segundo o médico Simão Pinheiro Morão (c.1618-1685), *Psichiatry on line Brazil*, v. 13, n. 11, p. 1-7, nov. 2008.

¹⁹ SILVEIRA, Anny Jackeline Torres. A varíola no Brasil do século XIX. In: FRANCO, Sebastião Pimentel; NASCIMENTO, Dilene Raimundo do; MACIEL, Ethel Leonor Noia (ed.). *Uma história brasileira das doenças*, p. 56.

²⁰ JOSÉ FRANCISCO XAVIER SIGAUD. In: Membros. *Academia Nacional de Medicina*. Disponível em: <http://www.anm.org.br/conteudoview.asp?id=484>. Acessado em 28/11/2021.

²¹ SOCIEDADE DE MEDICINA DO RIO DE JANEIRO. In: *Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930)*. Disponível em: <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/verbetes/socmedrj.htm>. Acessado em 19/11/2021.

se estendeu à Salvador e à toda província da Bahia, destruindo 30.000 indígenas e seis colônias de jesuítas”.²²

Nos séculos seguintes, a varíola continuou a aparecer e dizimar um significativo contingente populacional. Nas correspondências do Conselho Ultramarino, que comunicavam à metrópole dos ocorridos na colônia, são constantes os relatos de epidemias de bexiga em diversas regiões do território do Brasil. Em 1642, os oficiais da Câmara da cidade do Rio de Janeiro informam ao rei de Portugal, D. João IV, da ocorrência de uma epidemia de varíola, que teria provocado elevada mortandade entre os escravos a fim de explicar a queda na produção de açúcar.²³ Os habitantes de “Piratininga”, por sua vez, em 1666, “tiveram notícia” de uma grave epidemia de varíola por uma carta na qual “o capitão-mor Sepriano Tavares [...] dá as novas das bexigas e peste em toda costa do Brasil, principalmente na vila de Santos”. Na ocasião desse episódio, vedou-se “o caminho do mar” e as comunicações entre o interior e o litoral ficaram “interrompidas por mais de oito meses”, provocando uma série de reclamações da população, que conclamava a reabertura do trajeto para fins comerciais.²⁴

Em 20 de junho de 1767, o governador do Maranhão, Joaquim de Melo e Póvoas,²⁵ narra que “nesta capitania houve uma grande epidemia de bexiga, que levou

²² SIGAUD, José Francisco Xavier. *Du climat et des maladies du Brésil ou statique médicale de cet empire*. Paris: Fortin, 1844.

²³ Carta dos oficiais da Câmara da cidade do Rio de Janeiro ao rei [D. João IV] sobre o cumprimento da ordem régia enviada pelo novo governador-geral do Estado do Brasil, António Teles da Silva, determinando a separação do governo desta capitania do das capitanias do Sul; a ocorrência de uma epidemia de bexigas que provocou elevada mortandade entre os escravos, afectando a produção de açúcar e impossibilitou os moradores de continuarem o pagamento do subsídio para o sustento da Infantaria; solicitando o envio de moeda de cobre para as despesas menores e licença para navios portugueses ou estrangeiros poderem aportar nesta cidade a fim de comercializarem o açúcar in Conselho Ultramarino. Brasil – Rio de Janeiro, 1642, dezembro, 29, Rio de Janeiro. *Projeto Resgate – Rio de Janeiro Avulsos (1614-1830)*, AHU_ACL_CU_017, Cx. 2, D. 107.

²⁴ Nota-se que esse tipo de bloqueio era uma prática comum dos administradores das câmaras municipais, porém, a ambição dos moradores pelas trocas comerciais os faziam desprezar o perigo de provável invasão epidêmica e os protestos eram igualmente frequentes. Neste estudo, o autor compilou alguns documentos que trazem menções à varíola no Brasil. Assim, ele aponta que em 29 de janeiro de 1700, “foi novamente fechado o caminho do mar em defesa contra a invasão da varíola”. CAMPOS, Ernesto de Souza. Considerações sobre a ocorrência da varíola e vacina no Brasil nos séculos XVII, XVIII e XIX. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, 1956, n. 231, p. 138 e 141.

²⁵ Segundo Santos, “nada é mencionado a respeito de seu local de nascimento e filiação. Por não usufruir qualquer distinção social – não era, por exemplo, cavaleiro de uma ordem militar –, ao contrário dos outros governadores em análise, os dados biográficos sobre Melo e Póvoas são poucos e incertos”. SANTOS, Fabiano Vilaça dos. Os governadores do Estado do Grão-

grande parte de índios”.²⁶ Em Pernambuco, do mesmo modo, numa carta de 22 de junho de 1775, o governador José César de Meneses conta, “ao secretário de estado do Reino e Mercês, Marquês de Pombal”, que “esta capitania e suas dependentes” se encontravam “em uma pacífica tranquilidade, e sem novidade que mereça subir à Real Notícia de S. Mag.”, com exceção “de epidemia de várias moléstias, principalmente bexigas, que do princípio deste ano tem padecido esta vila do Recife e a cidade de Olinda nas quais povoações têm morrido até o presente para cima de 700 pessoas”.²⁷ Alguns meses depois, em 10 de outubro de 1775, esse mesmo governador já expõe alguns dos estragos causados pela epidemia ao apresentar uma relação com “o número dos falecidos, e que na dita Vila e Cidade tem havido, desde o princípio da epidemia, que nelas se tem padecia, e ainda hoje existe”.²⁸

A varíola, à exemplo do sarampo e outras doenças eruptivas, fazia parte do cotidiano de moradores do Brasil e não à toa, pois, tornou-se assunto de diversos escritos que tratavam dos acontecimentos das terras coloniais, como os mencionados relatos dos governadores-gerais das capitanias. Se em Portugal²⁹ e demais países europeus, como na Inglaterra, o ápice da varíola parece ter ocorrido no século XVIII, no Brasil isso não foi diferente. Aqui, no entanto, diferentemente do que ocorreu na Europa,

Pará e Maranhão: perfis sociais e trajetórias administrativas (1751-1780). *VII Jornada Setecentista. Temas Setecentistas*, (2007), p. 154-155. Disponível em: <http://www.humanas.ufpr.br/portal/cedope/jornadas/vii-jornada-setecentista-2007>. Consultado em 14/08/2021.

²⁶ Ofício do governador da capitania do Maranhão, Joaquim de Melo e Póvoas, para o secretário dos Negócios do Reino, conde de Oeiras, Sebastião José de Carvalho e Melo, dando conta de vários assuntos: saída do bispo, D. Antônio de São José; epidemia de bexigas e prosperidade do comércio. In: Conselho Ultramarino. Brasil – Maranhão, 1767, junho, 20, Maranhão. *Projeto Resgate – Maranhão (1614-1833)*. AHU_ACL_CU_009, Cx. 42, D. 4178.

²⁷ Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], José César de Meneses, ao [secretário de estado do Reino e Mercês], marquês de Pombal, [Sebastião José de Carvalho e Melo], sobre a tranquilidade em que se encontra a dita capitania, com exceção da epidemia de bexiga em Recife e Olinda. In: Conselho Ultramarino. Brasil – Pernambuco, 1775, junho, 22, Recife. *Projeto Resgate – Pernambuco (1590-1826)*. AHU_ACL_CU_015, Cx. 119, D. 9139.

²⁸ Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], José César de Meneses, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Casto, sobre relação do número de falecidos e batizados do Recife e Olinda desde o princípio da epidemia [de bexiga]. In: Conselho Ultramarino. Brasil – Pernambuco, 1775, outubro, 10, Recife. *Projeto Resgate – Pernambuco (1590-1826)*. AHU_ACL_CU_015, Cx. 120, D. 9203.

²⁹ Em Portugal, segundo Chalhoub, a varíola não parece ter se constituído em um grave problema de saúde público, conforme ocorreu em outros países da Europa, nos Estados Unidos ou na sua colônia na América. Tal fato, explica o historiador, pode ter contribuído para os portugueses não compartilharem o entusiasmo pela prática da variolização tão comum nesses outros lugares, com exceção do Brasil, pois fazia parte do seu Império. CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril: cortiços e epidemias na corte imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 105.

além das rotas comerciais e do aumento do contingente populacional, a bexiga contou com um outro aliado: a escravidão. Até à extinção do tráfico externo, em 1831, os escravos transportados da África subsaariana foram, ao que tudo indica, a principal fonte de contágio da varíola no Brasil foram.³⁰ Enfim, para os homens desse compartilhado mundo luso-brasileiro, onde a varíola vinha fazendo grandes estragos há mais de trezentos anos, era muito bem-vinda a divulgação do mais novo método para evitar a sua contaminação, sobretudo se assim o fosse em língua portuguesa.

O antídoto de Jenner

Já era do conhecimento de todos, e isso pelo menos desde o século XVI, que os indivíduos que sobreviviam à varíola não mais a contraíam.³¹ Por essa razão, a sua implantação artificial, conhecida por variolização ou inoculação, era uma prática bastante comum.³² Alguns registros denunciavam que práticos chineses, por volta do ano 1000, coletavam e reduziam a pó as crostas das feridas dos variolosos e as sopravam nas narinas das pessoas em busca de proteção.³³ Sabia-se, além disso, que a varíola podia assumir uma forma benigna, denominada variolóide.³⁴ O humor vacínio era passado de pessoa a pessoa na esperança de que os infectados não desenvolvessem a doença, ou que pelo menos a tivessem em sintomas mais brandos. O próprio Edward Jenner havia sido inoculado quando criança, em uma experiência, segundo ele, extremamente desagradável, contando com sangramento, purgação e quarentena.³⁵ No entanto, não era sempre que esse método funcionava, de modo que uma parcela dos inoculados desenvolvia a doença, dos quais alguns chegaram a morrer pela variolização. A inoculação, nesse sentido, além de não convencer a todos, não representava uma solução plausível em larga escala.³⁶

³⁰ ALDEN, Dauril; MILLER, Joseph. Out of Africa: The Slave Trade and the Transmission of Smallpox to Brazil, 1560-1831. *The Journal of Interdisciplinary History*, v. 18, n. 2, p. 195-224, 1987, p. 195.

³¹ CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril*, p. 103.

³² FERNANDES, Tania Maria. *Vacina antivariólica*, p. 31.

³³ SIMMONS, John Galbraith. Edward Jenner (1749-1823). A vacinação contra varíola. In: SIMMONS, John Galbraith. *Médicos e descobridores*, p. 192.

³⁴ FERNANDES, Tania Maria. *Vacina antivariólica*, p. 31.

³⁵ SIMMONS, John Galbraith. Edward Jenner (1749-1823). A vacinação contra varíola. In: SIMMONS, John Galbraith. *Médicos e descobridores*, p. 192.

³⁶ SIMMONS, John Galbraith. Edward Jenner (1749-1823). A vacinação contra varíola. In: SIMMONS, John Galbraith. *Médicos e descobridores*, p. 192.

A proposta de Jenner não se baseava na tentativa de implantação da doença benigna, como ocorria com a variolização. Sua ideia era evitar a varíola do homem pelo contato com uma outra doença, conhecida como *cow-pox*. Na década de 1770, esse médico britânico observou que os ordenhadores de gado, sejam esses homens ou mulheres, ao terem contato com os bicos das tetas das vacas desenvolviam “certas empolas ou bexiguinhas cheias de humor”; essas, por sua vez, eram idênticas ao *cow-pox* original, porém não faziam mal a eles. Do mesmo modo, Jenner percebeu que essas mesmas pessoas, ao entrarem em contato com pessoas doentes não contraíam a varíola. Em 1776, ele começou a colocar em prática a sua teoria e publicou, em 1798, os vinte e três casos por ele analisados, junto de uma explicação do seu método. Por meio da pústula desenvolvida na vaca, Jenner obteve o produto que denominou “vacina”. Esse, ao ser inoculado no homem, o deixava imune a varíola ordinária.³⁷

Dado o grau epidêmico e mortal da varíola, não demorou para que o método de Jenner começasse a ser discutido e utilizado na Inglaterra e nos demais países da Europa. Logo em 1799, no *The London Medical and Physical* – principal periódico de medicina, cirurgia, farmácia, química e história natural dos ingleses nessa época – saíram uma série de artigos que informavam da efetividade da vacina jenneriana, conforme ficou conhecida. Em Portugal, como veremos a seguir, coube à Manoel Joaquim Henriques de Paiva, a pedido do Príncipe Regente, executar não só uma análise dos proveitos da vacina para os moradores do reino português e seus domínios, principalmente do Brasil, onde milhares de pessoas vinha sendo vítimas da bexiga, mas, igualmente, divulgar, defender e ensinar a respeito da mais nova forma de se prevenir da varíola: a vacina.

O autor e seu “Preservativo”

Manoel Joaquim Henriques de Paiva (1752-1829) nasceu em Castelo Branco, na região da Beira Baixa, em 23 de dezembro de 1752. Veio para o Brasil aos sete anos de idade e aqui tornou-se boticário por meio de carta emitida em 16 de junho de 1770.³⁸

³⁷ FERNANDES, Tania Maria. *Vacina antivariólica*, p. 32.

³⁸ Manoel Joaquim Henriques de Paiva veio para o Brasil logo após o seu irmão mais velho, José Henriques Ferreira, desembarcar junto do segundo Marquês de Lavradio, D. Luís de Almeida Portugal Soares de Mascarenhas, em 1763. Foi um dos membros da Academia Científica do Rio de Janeiro, inaugurada em 1772, sendo responsável pela seção de farmácia,

Mais tarde, ele retorna à Portugal para estudar medicina na Universidade de Coimbra, onde trabalhou no Laboratório Químico, ou no Dispensatório Farmacêutico e doutorou-se em 1781.³⁹ Depois de formado, seguiu para Lisboa e deu início à sua prodigiosa carreira na área da saúde. Apesar de a sua admiração para com os franceses, suas ideias liberais e a sua condição de maçom o tivessem levado a abandonar a instituição universitária e regressar ao Brasil – participando, inclusive, das movimentações políticas precursoras à Independência brasileira –, Henriques de Paiva ocupou importantes cargos na administração médica luso-brasileira entre os séculos XVIII e XIX.⁴⁰

Em Portugal, foi médico da Casa Real (1795), encarregado da administração do armazém e da botica da Marinha Real (1800), deputado ordinário à Real Junta do Protomedicato⁴¹ (1803) e lente da Cadeira de Farmácia da Faculdade de Filosofia da Universidade de Coimbra (1801 e 1804).⁴² De 1772 a 1776, dirigiu a seção de farmácia da Academia Científica do Rio de Janeiro⁴³ e, após retornar ao Brasil, trabalhou na botica de Agostinho Dias Limas, em Salvador, e ocupou a cadeira de Farmácia e a de Farmácia, Matéria Médica e Terapêutica, respectivamente em 1819 e 1824, na Academia Médico-Cirúrgica da Bahia.⁴⁴ Junto desses cargos administrativos e de sua atuação clínica, seja em Portugal ou no Brasil, Manoel Joaquim Henriques de Paiva dedicou-se à tradução,

enquanto seu pai, Antônio Ribeiro de Paiva, era diretor da seção de botânica, e seu irmão, presidente e principal fundador. HERSON, Bella. *Cristãos-novos e seus descendentes na medicina brasileira (1500-1850)*. São Paulo: Edusp, 2003, p. 200.

³⁹ Criado depois da reforma pombalina na Universidade de Coimbra, em 1772, o Laboratório Químico buscava ser um “estabelecimento destinado a promover o ensino a médicos e boticários e a preparar medicamentos tanto para os doentes do hospital como para doentes externos”. PITA, João Rui. Medicina, cirurgia e arte farmacêutica na reforma pombalina da Universidade de Coimbra. In: ARAÚJO Ana Cristina (ed.). *O Marquês de Pombal e Universidade*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 2000, p. 145-146.

⁴⁰ PITA, João Rui. *Farmácia, medicina e saúde pública em Portugal*. Coimbra: Livraria Minerva, 1996, p. 155.

⁴¹ A Junta do Protomedicato foi o órgão responsável por fiscalizar as artes de curar em Portugal e seus domínios entre os anos de 1782, quando foi instituída por D. Maria I, a 1808, ao ser substituída pela Físicatura-mor. Cf. PORTUGAL. Lei pela qual S. Magestade mandou crear a Junta do Protomedicato, extinguindo-o os empregos de Físico mor e Cirurgião mor. In: *Systema, ou Collecção dos Regimentos Reaes*. Contém os regimentos pertencentes à Fazenda Real, Justiças e Militares, Lisboa, Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno, 1791, t. VI, p. 355.

⁴² PITA, João Rui. *Farmácia, medicina e saúde pública em Portugal*, p. 155.

⁴³ Sobre a Academia Científica do Rio de Janeiro, ver: MOREIRA, Ildeu de Castro; MASSARANI, Luisa. Aspectos históricos da divulgação científica no Brasil. In: MASSARANI, Luisa; MOREIRA, Ildeu de Castro; BRITO, Maria de Fátima (ed.). *Ciência e público: caminhos da divulgação científica no Brasil*. Rio de Janeiro: Casa da Ciência, 2002, p. 43-64.

⁴⁴ FERRAZ, Márcia Helena Mendes. *As ciências em Portugal e no Brasil (1772-1822): o texto conflituoso da química*. São Paulo: EDUC, 1997, p. 212.

adaptação e redação de diversos textos científicos,⁴⁵ tornando-se no principal propagador das iluminadas ideias de medicina, farmácia e química em Portugal e seus domínios.⁴⁶

Toda a sua produção livresca tinha um denominador comum: divulgar o saber científico.⁴⁷ O objetivo, todavia, não era popularizar a medicina ao ponto de qualquer pessoa, sem nenhuma formação específica, poder exercê-la. Ele defendia uma melhor difusão da temática médica a fim de esclarecer as populações sobre os assuntos considerados imprescindíveis para a conservação da saúde.⁴⁸ Talvez tenha sido por esse motivo que, após três anos da descoberta de Jenner, o Príncipe Regente de Portugal, João de Bragança (1767-1828), incumbiu Henriques de Paiva de “verificar”, como ele próprio explica, “com observações e experimentos, os efeitos da vacina ou *bexiga vacuns*, as quais sem embargo de serem uma enfermidade, são também o remédio mais precioso, seguro e útil de quantos se tem descoberto até agora”.⁴⁹ Esse remédio, continua o médico e boticário português, “possui a singularíssima virtude de preservar para sempre do terrível mal das bexigas, contágio o mais destruidor do gênero humano, e que leva à sepultura maior número de infelizes que a peste, assaltando a vida do homem em todas as suas idades”.⁵⁰

Trata-se, em síntese, de um estudo que buscava convencer os falantes da língua portuguesa da necessidade de se vacinarem pelo método de Jenner para ficarem imunes à varíola ordinária. Como sugere o seu título, o *Preservativo das bexigas e dos seus terríveis estragos ou Historia da origem e descobrimento da vacina, dos seus efeitos ou symptomas, e do methodo*

⁴⁵ São eles, entre outros: *Elementos de chimica e pharmacia relativamente à medicina, às artes e ao commercio* (1783 e 1786); *Pharmacopéa lisbonense ou collecção dos simples, preparações e composições mais efficazes e de maior uso* (1785 e 1802); *Aviso ao povo acerca de sua saude por Mr. Tissot* (1786); *Medicina domestica, ou tratado de prevenir e curar as enfermidades, com o regimento e medicamentos simples, escrito em inglês pelo dr. Guilherme Buchan, traduzido em portugues com varias notas e observacoes concernentes ao clima de Portugal e do Brasil, com o receituário correspondente, e um apêndice sobre os hospitais navais* (1788).

⁴⁶ PITA, João Rui. *Farmácia, medicina e saúde pública em Portugal*, p. 154.

⁴⁷ PITA, João Rui. *Farmácia, medicina e saúde pública em Portugal*, p. 156.

⁴⁸ PITA, João Rui. *Farmácia, medicina e saúde pública em Portugal*, p. 156.

⁴⁹ PAIVA, Manoel Joaquim Henriques de. *Preservativo das bexigas e dos seus terríveis estragos ou Historia da origem e descobrimento da vacina, dos seus efeitos ou symptomas, e do methodo de fazer a vacinação & c.* Publicado de ordem e mandado do Principe Regente nosso senhor por Manoel Joaquim Henriques de Paiva medico da camara do mesmo senhor, censor regio, & c. Lisboa: Offic. Patr. De João Procopio Correa da Silva, 1801, s/p.

⁵⁰ PAIVA, Manoel Joaquim Henriques de. *Preservativo das bexigas e dos seus terríveis estragos ou Historia da origem e descobrimento da vacina, dos seus efeitos ou symptomas, e do methodo de fazer a vacinação & c, s/p.*

de fazer a vacinação & c. traz uma história da descoberta da vacina, explica as propriedades do humor vacínio e do quanto ele era seguro para o homem e, ainda, ensina o passo a passo de como fazer a vacinação ou conservar o humor, caso o interesse fosse transportá-lo. Além disso, a obra de Henriques de Paiva divide-se em treze capítulos, designados por artigos, e vem acompanhada de seis gravuras a fim de ilustrar: a agulha adequada para a aplicação (estampa 1, figura A); o tamanho correto das pústulas de onde o humor vacínio seria retirado (estampa 1, figuras C, D e E); e, as partes do corpo, singularmente a parte média e interna do braço, que deveriam receber as salvadoras picaduras (estampa 1, figuras B e estampa 2).

*

Apresentada a seguir, a inédita edição do *Preservativo das bexigas e dos seus terríveis estragos ou Historia da origem e descobrimento da vacina, dos seus efeitos ou symptomas, e do methodo de fazer a vacinação & c.*, elaborada por Manoel Joaquim Henriques de Paiva e publicada em 1801 pela oficina tipográfica de João Procopio Correa da Silva, baseou-se em dois exemplares: um conservado sob a tutela da biblioteca da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa⁵¹ e o outro pela Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.⁵² Ademais, no intuito de facilitar a compreensão do texto e tornar mais claro o seu conteúdo, a presente obra passou por uma atualização na linguagem e na pontuação, conforme a norma culta da língua portuguesa, e está acompanhada de notas explicativas.

Transcrição e edição do documento:

Manoel Joaquim Henriques de Paiva, *Preservativo das bexigas e dos seus terríveis estragos ou Historia da origem e descobrimento da vacina, dos seus efeitos ou symptomas, e do methodo de fazer a vacinação & c.* Publicado de ordem e mandado do Principe Regente nosso senhor por Manoel Joaquim Henriques de Paiva medico da camara do mesmo senhor, censor regio, & c., Lisboa, Offic. Patr. De João Procopio Correa da Silva, 1801.

⁵¹ Localização do exemplar consultado: ULFM-AH RES. 588.

⁵² Este exemplar encontra-se no acervo Obras Gerais – V-61,1,12.

Morbi morbis curantur.

Linn. Mat. Med.⁵³

Um as enfermidades curam-se com outras.⁵⁴

AO MUITO ALTO E MUITO PODEROSO PRÍNCIPE REGENTE NOSSO SENHOR.

Senhor,

Havendo-me, VOSSA ALTEZA REAL, incumbido de verificar com observações e experimentos, os efeitos da vacina ou *bexiga vacums*, as quais sem embargo de serem uma enfermidade, são também o remédio mais precioso, seguro e útil de quantos se tem descoberto até agora, pois possui a singularíssima virtude de preservar para sempre do terrível mal das bexigas, contágio o mais destruidor do gênero humano, e que leva à sepultura maior número de infelizes que a peste, assaltando a vida do homem em todas as suas idades, mormente na infância, tempo em que rouba milhares e milhares de meninos, que poderiam ainda vir a ser utilíssimos à sociedade, Eu, AUGUSTÍSSIMO SENHOR, que em todos os meus dias jamais me propus a outro fim, que não fosse o de ser útil ao meu SOBERANO, e à minha Pátria, não posso, por certo, explicar o excessivo prazer que tive vendo-me escolhido pela Benignidade de VOSSA ALTEZA REAL.

Não me sendo, porém, ainda possível estabelecer uma enfiada de observações exatas e verdadeiras, feitas em Portugal, como seria necessário, para satisfazer os grandes desejos de VOSSA ALTEZA REAL; e chegando-me, às mãos, obras de médicos que nisto tem trabalhado, intentei logo ajuntar e dar à luz algumas reflexões escoradas em boas experiências, para que dando assim uma breve notícia da origem e descobrimento da referida enfermidade, dos seus efeitos ou sintomas, e das suas vantagens ao

⁵³ Cf. “Contraria contrariis et morbi morbis curantur” In: LINNÉ, Carl von. *Canones. Materia Medica*. Lipsiae et Erlangae: Apvd Wolfgangvm walthervm, 1782, s/p.

⁵⁴ Frases do epílogo.

gênero humano, pudesse de algum modo chamar à observação os outros e aprofundar ainda melhor esta matéria em obra maior e mais digna dela.

É verdade, AUGUSTÍSSIMO SENHOR, que eu conheço muito bem meu apoucado talento, para devidamente cumprir com as Reais Ordens, mas despertado ele e animado assim pelo Favor e Proteção de VOSSA ALTEZA REAL, como por meus ardentes desejos, espero desempenhar, quanto me for possível, os nunca assaz louvados intentos de um PRÍNCIPE BENIGNO, PIEDOSO, e todo interessado no bem do seu Povo, e confio igualmente que este benefício, o qual não se há de encerrar somente dentro das raias da presente idade, fará derramar aos Vindouros lágrimas de ternura sobre a memória de seu AUGUSTO AUTOR. Quanto a mim, não é pequena a glória, e satisfação minha de ser, no bem da humanidade, o instrumento de que VOSSA ALTEZA REAL se quis servir. Deus Nosso Senhor conserve a Preciosíssima Vida de VOSSA ALTEZA REAL por muitos e felicíssimos anos, como deseja.

De VOSSA ALTEZA REAL, vassalo e fiel criado,

Manoel Joaquim Henriques de Paiva

AO PÚBLICO

Tendo a cargo verificar os efeitos, progressos e utilidade da vacina, provados em Inglaterra, Suíça, França, Alemanha, Itália e Espanha, e podendo eu já confirmá-los em Portugal com algumas observações, entendi, todavia, que enquanto não juntasse um maior número destas, assim próprias como alheias, desempenharia melhor o dito encargo, mostrando primeiro aos meus compatriotas o que noutras nações se tem publicado sobre este interessante assunto, para que também, comunicando-me eles suas observações, possa eu dá-las à luz com as minhas, e de todas tirar alguns preceitos relativos a Portugal.

E, por princípio de desempenho desta promessa, lhes ofereço agora a presente *História da origem e descobrimento da vacina*, feita sobre os trabalhos da Junta de Médicos

estabelecida em Paris para propagar este preservativo das bexigas, e os do doutor D. *Pedro Hernandez* no seu diálogo da *vacina*,⁵⁵ a qual história será seguida do que a este respeito escreveram *Pearson*,⁵⁶ *Woodeville*,⁵⁷ *Anderson*,⁵⁸ *Keate*,⁵⁹ *De Carro*,⁶⁰ *Aubert*,⁶¹ *Jadelot*,⁶² *Piquillen*,⁶³ e outros, cujas obras ou extratos delas irei dando à luz juntamente com meu filho, *João Henriques de Paiva*,⁶⁴ médico do número da Casa Real, o qual nos meus trabalhos literários me vai ajudando.

Espero, pois, que os meus compatriotas ponham em prática este maravilhoso descobrimento, singular e inocente remédio, em todas as Províncias de Portugal e de seus Domínios, mormente no Brasil, onde são vítimas das bexigas ordinárias milhares e milhares de pessoas.

Lisboa, 30 de setembro de 1801.

⁵⁵ HERNANDEZ, Pedro. *Orígen y descubrimiento de la vacuna*, traducido del frances com arreglo a las ultimas observaciones hechas el mês de mayo del presente año, y enriquecido com varias notas, por el doctor Don Pedro Hernandez, medico del Real Colegio de esta Corte, y de los excelentissimos señores duques de villa-hermosa, y de S. Carlos. Madrid: Oficina de Don Benito Garcia, y Compañia, 1801.

⁵⁶ PEARSON, George. A Statement of the Progress in the Vaccine Inoculation; and Experiments to Determine Some Importants Facts Belonging to the Vaccine Disease. In: *The London Medical and Physical*. Containing the earliest information on subjects of medicine, surgery, pharmacy, chemistry, and natural history [...]. London: Printed by Wilson and CO. Oriental Press, 2 (1799), p. 213-225.

⁵⁷ WOODEVILLE, William. *History of the Inoculation of the Smallpox in Great Britain*. Comprehending a Review of All the Publications on the Subject: with an Experimental Inquiry Into the Relative Advantages of Every Measure which Has Been Deemed Necessary in the Process of Inoculation. London: James Phillips, 1796.

⁵⁸ Segundo Pearson, Dr. Anderson, de Leith, realizou inoculações da varíola boina com bastante sucesso na Escócia.

⁵⁹ Thomas Keate (1745-1821), cirurgião geral.

⁶⁰ Dr. De Carro, de Viena, foi o primeiro a experimentar a vacina em crianças.

⁶¹ Antoine Aubert e o também médico francês Phillipe Pinel fizeram as primeiras vacinações em Paris, já em 1799. DUNBAR, Robert G. The introduction of the practice of vaccination into napoleonic france. *Bulletin of the History of Medicine*, n. 5, 1941, p. 639. Disponível em www.jstor.org/stable/44440677. Acessado em 20/05/2020.

⁶² Não foram encontradas informações sobre este autor.

⁶³ Não foram encontradas informações sobre este autor.

⁶⁴ Filho mais velho de Manoel Joaquim Henriques de Paiva, João Henriques de Paiva (?-1833) formou-se em medicina pela Universidade de Coimbra, foi médico da Casa Real Portuguesa e participou da elaboração de muitas obras de seu pai.

PRESERVATIVO DAS BEXIGAS E DOS SEU TERRÍVEIS ESTRAGOS

ARTIGO I.

Da origem e descobrimento da vacina.

§. I. Em algumas províncias da Inglaterra, mormente no condado de Gloucester,⁶⁵ os cavalos padecem de um achaque, o qual consiste num inchaço inflamatório que lhes nasce junto ao casco, e que amadurecendo se converte em chaga,⁶⁶ chamado, pelos nossos Alveitares,⁶⁷ de *gavarro*.⁶⁸

§. II. No mesmo condado abundante de pastos se criam muitas vacas, as quais são ordenhadas por homens e mulheres indistintamente. Se estes, depois de haverem curado o dito achaque (§. I.), vão ordenhar as vacas sem lavarem as mãos, lhes costumam comunicar uma enfermidade que se declara por certas empolas ou bexiguinhas cheias de certo humor,⁶⁹ que nascem nos seus ubres,⁷⁰ especialmente nos bicos destes, a qual aí chamam *com-pox*, isto é, bexigas vacuns ou das vacas, a que nós chamaremos *vacina*, vocábulo derivado de *vaccinus*, *a, um*, coisa pertencente à vaca, ao seu humor *vacino*, à ação de aplicá-lo, *vacinar* e *vacinação*, e àquele a quem se aplicou, *vacinado*.

§. III. Estas empolas ou bexigas (§. II.), cujo parecer é azulado, tem em torno da sua base uma vermelhidão inflamatória mais ou menos estendida, e encerram um humor particular a que chamo *vacino*, o qual se seca, passado algum tempo, e se forma uma codea⁷¹ que cáí por si. Algumas vezes, porém, acontece que as ditas bexiguinhas se

⁶⁵ Cidade localizada no sudoeste da Inglaterra, próxima à fronteira com o País de Gales.

⁶⁶ CHAGA. “s. f. Ferida materiada”. In: SILVA, Antonio de Moraes. *Diccionario da lingua portuguesa*. Recompilado dos vocabularios impressos ate agora, e nesta segunda edição novamente emendado e muito acrescentado [...]. Lisboa, Typographia Lacerdina, 1789. v. 1, p. 380.

⁶⁷ Indivíduo que, sem ser veterinário, trata de doenças de animais.

⁶⁸ GAVARRO. “Enfermidade do cavallo” in Raphael Bluteau, *Vocabulario portuguez e latino* [...]. Autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes, e latinos, e offerecido a el Rey de Portugal D. João V [...], Coimbra, Collegio as Artes da Companhia de Jesu, 1712. v. 2, p. 41.

⁶⁹ HUMOR. “s. m. Líquido que gira, e circula nos vasos do corpo humano, e nos das plantas, para a vegetação de ambos os corpos. Boa ou má disposição do ânimo”. In: SILVA, Antonio de Moraes. *Diccionario da lingua portuguesa*, p. 123.

⁷⁰ UBRE. “s. m. A teta da vaca, ou outro animal”. In: SILVA, Antonio de Moraes. *Diccionario da lingua portuguesa*, v. 2, p. 819.

⁷¹ CODEA. “s. f. A porção exterior do pão cozido, mais rija, e mas tostada”. In: SILVA, Antonio de Moraes. *Diccionario da lingua portuguesa*, p. 408.

rompem, supuram e formam uma chaga mais ou menos rebelde, segundo fora maior ou menor a irritação que a causou, filha por certo de alguma operação áspera ou de algum mal tratamento.

ARTIGO II.

Das propriedades do humor vacino

§. IV. O *humor vacino* (§. III.) é diversíssimo do *pus* ou matéria podre de qualquer outro humor animal, pois é:

1º) *líquido*, transparente, sem cor, apenas pegajoso, e posto ao ar seca-se com facilidade, formando, como a clara do ovo, uma sorte de verniz escamoso, quebradiço, que se desfaz em água.

2º) *contagioso* pelo toque ou contato, e deste modo capaz de traspassar e comunicar a mesma enfermidade, não somente às vacas, mas também aos homens, pois que as pessoas que ordenham os ditos animais padecem a mesma moléstia, quando tem gretas,⁷² esfoladuras ou quaisquer outras feridas nos dedos ou nas mãos, sobrevindo a estas, empolas ou bexiguinhas totalmente parecidas com as das vacas, as quais se enchem de um humor que possui a mesma propriedade contagiosa.

3º) *preservativo das bexigas ordinárias*, pois que a sincera observação dos mesmos aldeões advertiu que havendo epidemias daquelas nas suas aldeias, não insultava nem se pegava às pessoas que tinham padecido a *vacina*, ainda que nunca as houvessem tido.

ARTIGO III.

Invenção e progressos da vacina

§. IV. Havendo, pois, mostrado a sincera observação dos aldeões a referida *virtude preservativa* (§. IV. 3º.), a qual sobremaneira se foi confirmando até que por uma casual conversação chegou à notícia do doutor *Jenner*, médico inglês. Este se resolveu a *vacinar* os homens, comunicando-lhes por este meio artificial o dito humor (§. IV.) e publicou suas felizes e primeiras observações no ano de 1798 em uma obra intitulada

⁷² GRETA. “s. f. Abertura, fenda”. In: SILVA, Antonio de Moraes. *Diccionario da lingua portuguesa*, v. 2, p. 101.

An Inquiry into the Causes and Effects of the Variole Vaccine, or Cow-Pox. London, 1798.⁷³ Isto é, *Investigação sobre as causas e efeitos das bexigas vacuns ou vacina.*

§. IV. Desde este tempo (§. V.), as multiplicadas e exatas observações e experiências, feitas em diferentes regiões do mundo, têm incontestavelmente demonstrado que a *vacinação, ou enxertia da vacina, preserva para sempre das bexigas*; o que se tem confirmado pela inoculação da matéria bexigosa nas pessoas vacinadas, e, também, expondo estas ao contágio das bexigas ordinárias. E, por mais que se tenham variado todos estes meios e modos de comunicar o contágio, jamais se viram sobrevir bexigas às pessoas que haviam padecido a *vacina*.

§. VII. Além desta vantagem (§. VI.) e utilidade inestimável, seguem-se outras não menos importantes, que fazem, se é possível, subir a estimação e o apreço que se deve à *vacinação* ou enxertia da *vacina*; e são as que compreende o artigo seguinte.

ARTIGO IV.

Da segurança inocente da vacinação

§. VIII. É tão inocente a *vacinação* ou enxertia da *vacina*, que:

1º) não requiere preparação alguma, nem cuidado muito particular ou remédio algum, antes, depois, ou durante seu curso;

2º) pode-se igualmente praticar em todas as idades, desde os dois meses, e em todas as estações do ano;

3º) não prejudica à sociedade porque não propaga e derrama sua infecção, pois que é moléstia que não se comunica por meio do ar, nem dos vestidos, nem assim do simples contato, (como as bexigas), senão somente pela incisão ou cortadura.

§. IX. Além disto (§. VIII.), é a operação da *vacina* fácil e pouco ou nada dorida, pois consiste unicamente em fazer na pele algumas picadas ou cortaduras sutis com a ponta do instrumento molhada no *humor vacino* (§. III.).

⁷³ Neste estudo, além de explicar como funcionava a vacina, Jenner narra vinte e três experimentos, ou casos, em que ele vacinou as pessoas a partir de pústulas da varíola bovina. JENNER, Edward. *An Inquiry into the Causes and Effects of the Variole Vaccine, or Cow-Pox.*

§. X. Os pais, as mães e as amas de leite podem praticar igualmente esta operação (§. IX) com a mesma utilidade e bom sucesso. Toda a atenção e cautela, de que se necessita, se reduz somente ao modo de fazer as picaduras para a *vacinação* como adiante se dirá.

§. XI. Finalmente, a *vacinação* ou enxertia da *vacina* é tão segura que jamais é acompanhada ou seguida de dano algum, nem acidente grave. Os seus fenômenos essenciais não passam as raias das picaduras e cortaduras, como se verá pela explicação, ou descrição que vou fazer do curso da enfermidade no artigo seguinte.

ARTIGO V.

Descrição dos efeitos ou sintomas da vacina e do seu curso no homem

§. XII. Introduzido o *humor vacino* (§. III) debaixo da pele por meio das picaduras, como estas são sutis e não botam sangue, ou este é muito pouco, encouram-se prontamente, e desde o primeiro até o terceiro dia não se sente de ordinário incômodo algum, nem observa mudança particular nas partes *vacinadas*.

§. XIII. Mas, do quarto até o quinto dia, percebem-se já os primeiros sinais da vacina na parte das picaduras, a qual se acha alguma coisa encarnada e inchada, o que tudo vai crescendo até o sétimo dia, em que se distingue bem uma empola ou bexiga irregular, cuja forma e fabrica ou composição singular a distingue essencialmente de toda e qualquer outra afeição, porque:

- 1º) está circunscrita e é do tamanho de uma lentilha;
- 2º) no seu meio há uma cova ou abatimento, bem notável, de cor escura;
- 3º) sua borda é levantada em forma de anel, de cor pálida, meio transparente e cheia de um humor líquido, sem cor;
- 4º) a base está rodeada de um círculo vermelho, inflamatório, que se chama *aréola*, a qual vai crescendo de maneira que chega muitas vezes a muitas polegadas distante de cada empola e compreende todas as *aréolas*, formando uma só inchação, tesa, de cor de rosa;
- 5º) o humor contido na empola ou bexiga *vacina* não está, como o das bexigas ordinárias ou de outras quaisquer, derramado em um ponto central, mas sim encerrado numa teia finíssima, esponjosa, composta de bexiguinhas separadas e, por isso, quando

se pica uma bexiga *vacina*, o líquido jamais sai todo junto, mas vai saindo às gotinhas e somente no lugar furado.

§. XIV. Desde que se formam as *aréolas* (§. XIII. 4º) até que elas chegam à sua maior inchação, os doentes sentem um certo quebrantamento, acompanhado de bocejos, enjoos e até vômitos, algumas vezes, como nas bexigas inoculadas, bem que isto acontece raras vezes. Costuma ter também o pulso acelerado e, ainda, febril, por dois ou três dias, e sobrevir-lhe alguns movimentos espasmódicos quando é de temperamento chamado impropriamente nervoso ou histérico. Além disto, sente dores nos sovacos, calor vivo e picadas nas partes vacinadas com peso nos braços, efeitos estes que não se ajuntam em todos. Finalmente, do nono dia até o onzeno desaparece a inchação e começa a seca, formando-se uma côdea de cor amarelada no centro de cada empola, que se converte em parda ou negra desde o dia doze até o trezeno, a qual cai por si do dia vinte e um até o trinta.

ARTIGO VI.

Variedades que se costumam observar na vacina

§. XV. A *vacina* oferece, durante o seu curso (§ XII, XIII, XIV), algumas variedades que cumprem saber, as quais se reduzem às seguintes:

1º) algumas vezes não se declara a *vacina* até o dia sexto, sétimo, oitavo e, ainda, mais tarde depois de inoculada e viram-se picaduras, cujo efeito começará quando outras feitas ao mesmo tempo se secavam já;

2º) as empolas ou bexigas *vacinas*, ainda que não se encham às vezes até o dia nono, onze ou vinte, depois de introduzido o humor vacino, todavia, os inoculados ficam inteiramente livres das bexigas ordinárias, se as ditas bexigas *vacuns* são bem caracterizadas e manifestas pelos seus sinais acima apontados (§. XIII. XIV);

3º) as picaduras costumam outras vezes doer no primeiro, segundo e terceiro dia depois de feita a vacinação, e sobrevir a elas uma inflamação mais ou menos forte e estendida, acompanhada, em certas ocasiões, de febre e dor no sovaco, formando por fim uma empola com pus ou humor podre, que logo se seca e degenera em chaga. Isso tudo procede de uma irritação forte na parte, e não da verdadeira *vacina*, porque nem tem os caracteres dela, nem possui a virtude preservativa e, por isso, se chama *vacina falsa*.

ARTIGO VII.

Distinção da vacina falsa e verdadeira.

§. XVI. É fácil de conhecer a diferença que há entre a verdadeira *vacina* (artigo VI) e a *falsa* (§ CV. 3º) porque nesta:

1º) os sintomas da irritação sobrevêm quase imediatamente depois das picadas, ou cortaduras, e não guardam o curso vagaroso e graduado da verdadeira; antes, ao contrário, é este rápido e seus efeitos antecipados, formando-se no lugar as picaduras uma pequena inchação e a aréola é quase sempre de cor vermelha pálida;

2º) a forma ou figura da empolas é diferente, e em vez de ter uma cova no centro, é levantada em ponta;

3º) o humor que as empolas encerram não é líquido, mas sim espesso, amarelado, sanguíneo e purulento, o qual quando se seca parece goma e nunca apresenta aquele lustre envernizado do humor da vacina verdadeira;

4º) o humor destas empolas acidentais ou falsas não está encerrado na teia esponjosa, e nas bexiguinhas, mas sim todo junto num ponto debaixo da tez ou *epidermis* e, por isso, sai todo pelo mais pequeno buraquinho.

XVII. Estes acidentes ou mudanças (§. XVI.) procedem de vacinar-se com a matéria muito espessa ou irritante, que começava a seca, e que se apanhou das empolas que se achavam neste estado; e podem-se evitar apanhando o humor vacino com as qualidades e no tempo que se declara no (artigo IX.).

ARTIGO VIII.

Método de fazer a vacinação, ou modo de vacinar.

XVIII. Vacinação é a operação mediante a qual se introduz no corpo humano o humor vacino, de maneira que dela resulte a *vacina* (artigo V.). Esta se faz por meio de certas picaduras ou cortaduras ordinariamente com a ponta de uma lanceta; mas como esta não é familiar a todos, e o seu uso requer certa destreza, algumas pessoas fazem as ditas picaduras com o bico de um canivete, e com uma simples agulha. Mas, sem embargo de se poderem fazer igualmente bem com toda a casta de instrumento, todavia, é preferível a agulha, cuja ponta deve ser chata com as bordas cortantes e bem afiadas, como se vê na *estampa I. figura. A.*, de maneira que a largura da sua ponta apresente maior

superfície para reter o humor vacino (§. III) e para que os seus gumes facilitem a introdução. Além de que é melhor e mais agradável, à vista de uma simples agulha, cuja aplicação sobre a pele não causa espanto ou medo algum aos meninos, nem ainda receio ao que dela usa de poder fazer-lhe mal; e, por isso, a Junta Médica de Paris, estabelecida para propagar a vacinação, prefere a agulha a todos os outros instrumentos.

§. XIX. Porém, o doutor *Pedro Hernandez*, médico do Real Colégio de Madrid, recomenda um instrumento inventado pelo Cirurgião D. *Nicoláo Dias Cañedo* para a vacinação, o qual, sendo bem cortante por todos os lados, é aparelhado com tal artifício que podem os meninos divertir-se com ele sem prejuízo algum, e que, tirando-lhe somente uma rosca, fica azado para se fazer a operação. Portanto, nele se conhecem duas utilidades: a primeira, que não pode fazer-se dano ao que sofre a operação, ainda quando no tempo de lhe introduzir faça algum movimento irregular, extraordinário e violento, que não tenha podido atalhar, nem impedir o que lhe segura o braço; e a segunda, que nem ainda o mesmo operador pode causar dano, posto que por algum caso não pensado se distraia.

§. XX. Ainda que as picaduras se podem fazer em todas as partes do corpo, escolhem-se, todavia, aquelas que andam sempre cobertas e abrigadas, e singularmente a parte média e interna do braço, como mostra a *estampa I. figura. B*, que representa a mãe vacinando o filho.

§. XXI. Descoberto o lugar (§.XX.) onde as picaduras ou cortaduras se devem fazer, e feitas algumas brandas esfregações para limpar a pele, mete-se a ponta da agulha no humor vacino; e quando está dele carregada se encaminha logo sobre a pele, tendo-a, ao princípio, a prumo para que o humor corra para a ponta; e, entretanto, que com uma mão se estende a pele do braço, inclina-se horizontalmente a agulha, mete-se com sutileza debaixo da *tez* ou *epidermis*, e se introduz até a profundidade de duas ou três linhas, fazendo com a ponta da agulha diversos movimentos, para que o humor vacino possa penetrar bem a picadura e nela ficar. Ao princípio, se puxa alguma coisa para fora e logo se torna a introduzir de novo, inclina-se em diferentes direções, e, por fim, se tira para fora, encostando-a e enxugando-a na superfície da pele. E depois cobre-se com um chumaço seguro por atadura ou com o encerado⁷⁴ inglês, e passados dois ou três dias, se tira.

⁷⁴ ENCERADO. “s. m. Lençaria grossa, encerada”. In: PINTO, Luiz Maria da Silva. *Diccionario da Lingua Brasileira*. Ouro Preto: Typographia de Silva, 1832, p. x.

§. XXII. Da mesma maneira (§. XXI.) se farão duas ou três picaduras em cada braço, com a advertência de molhar sempre a agulha no humor vacino e deixar entre picadura e picadura um espaço de dois ou três dedos. E, também, as picaduras nos meninos hão de ser subtilíssimas e superficiais, e nos adultos alguma coisa mais fundas, tendo, todavia, cuidado para que não sejam tão fundas que botem sangue, o qual por certo lançaria fora o humor vacino que se introduzira ou afracaria sua força misturando-se com ele. E esta é uma das razões por que não surtem efeito todas as picaduras.

§. XXIII. Ora ainda quando se façam ordinariamente quatro ou cinco picaduras ou cortadura, costuma acontecer sair só uma empola ou bexiguinha, a qual, sendo bem caracterizada, e seguindo o curso regular da enfermidade (artigo. V.), é bastante para preservar das bexigas ordinárias.

§. XXIV. Mas, quando acontecer, como às vezes acontece, não sair empola ou bexiguinha alguma, e ficar o enfermo como se nada se lhe tivesse feito, então se lhe fará novamente a *vacinação* ou enxertia da *vacina*, dispondo ou preparando primeiro a pessoa com dois ou três banhos mornos, a fim de assegurar o efeito.

ARTIGO IX.

Qualidades do humor vacino, sua escolha, tempo e modo de apanhá-lo

§. XXV. Como o bom sucesso desta operação (artigo VIII.) depende principalmente do *humor vacino*, cumpre saber-se conhecer o tempo em que ele possui aquele grau de perfeição e madureza própria e eficaz para comunicar e produzir a *vacina*.

§. XXVI. É, pois, este tempo (§. XXV.) desde o sétimo até o undécimo dia da enfermidade, ou, segundo as observações de Madri, ao nono e princípio do décimo, e as de Paris ao oitavo e nono, tempo em que o *humor vacino* está líquido, transparente e limpo, e a empola ou bexiguinha rodeada do círculo ou *aréola* viva, e bem formada, de cor de rosa (§. XIV.). Isso porque antes deste tempo a bexiguinha ainda não está completa e o humor que encerra não tem a devida perfeição, e depois, isto é, no duodécimo dia, já o humor começa a engrossar-se, e secar-se com muita prontidão, perdendo, por isso, sua força e adquirindo talvez outra mais irritante do que preservativa das bexigas.

§. XXVII. Assim que (§. XXVI.) para *vacinar* ou enxertar com o *humor vacino*, escolhe-se uma pessoa, cujas empolas ou bexiguinhas vacinas tenham as referidas qualidades (§. XXVI.), como se vê na *estampa I. figura C, D, E*, que representa as ditas bexiguinhas em diversos tamanhos e segundo os dias. E na *estampa II* que representa um

menino apontando para as bexiguinhas do braço, ou onde elas quase sempre se enxertam. Pica-se com a ponta da agulha uma destas empolas nas bordas ou nelas de que se falou (§. XIII. 3º), o qual está alvacentos, e um instante depois sai uma gotinha do *humor vacino*, no qual se molha a ponta da agulha e com ela se faz imediatamente as picaduras para a inoculação. Advertindo-se, porém, que não se deve tirar mais humor daquela parte da empola que primeiro se furou, mas de outra distinta ao pé desta mesma, e da mesma empola, ou de outra intacta, e que não se tenha rompido por acaso etc.

§. XXVIII. Ora ou o *humor vacino* seja tirado como fica dito (§. XXVII.) das pessoas *vacinadas*, ou imediatamente das vacas, é igualmente contagioso e preservativo das bexigas ordinárias, e é tal a sua força e tão duradoura que guardado bem do ar a conserva e nunca degenera, sendo verdadeiro, ainda quando passe de uma para outra pessoa até um número infinito.

§. XXIX. E, portanto (§. XXVIII), não há necessidade de apanhar sempre das vacas o referido humor vacino, pois basta só que na sua origem tenha sido delas, para que produza os mesmos efeitos – o que se conhecerá pelos finais que o acompanham, segundo ficam declarados (artigo V.).

§. XXX. É, porém, verdade, segundo a experiência e observação de alguns professores, que, sem embargo da segurança benigna da *vacinação* feita com qualquer dos ditos humores (§. XXVIII. XXIX.), os sintomas que sobrevêm no primeiro caso, isto é, quando a *vacinação* fora feita com o humor apanhado imediatamente das vacas, são um pouco mais violentos que no segundo caso.

§. XXXI. Porventura, o humor tirado imediatamente das chagas ou *gavarro* dos cavalos (§. I.) e que deu origem a *vacina* será igualmente contagioso e preservativo das bexigas? O doutor *Jenner*, confessando que os moços que curam o dito *gavarro*, adquirem também algumas vezes a *vacina* diretamente, e sem intervenção das vacas, afirma por experiências que não ficam preservados das bexigas comuns e, portanto, que a virtude preservativa (§. IV. 3º) do *humor vacino* lhe é dada pelas vacas.

ARTIGO X.

O que se deve fazer no curso da enfermidade

§. XXXII. Ainda que a pessoa que se quiser *vacinar* não requer preparação alguma (§. VIII), todavia, se ela não for sadia, não será fora de propósito restabelecer-lhe primeiro a saúde.

§. XXXIII. Portanto (§. XXXII), cumpre que o que se há de *vacinar* esteja são e livre de outra enfermidade.

§. XXXIV. Este preceito (§. XXXIII.), ditado pela prudência e fundado na autoridade de alguns médicos franceses, é contrariado pelo doutor D. *Pedro Hernandez*, o qual afirma ter motivos e fundamento de crer que bem longe de estorvar a vacinação, padecendo o menino alguma enfermidade, esta operação melhora a sua constituição, pois se tem visto em Madri, que tendo vacinado um menino no tempo da saída dos dentes com diarreia e outros sintomas, e até outros que em resulta de uma queda de bastante altura, não podia deixar de ter alteradíssima sua constituição, sararam perfeitamente sem experimentar a mais leve novidade.

§. XXXV. Cumpre ter grande cuidado que os meninos não arranhem as empolas, mormente nos dias nove e dez, quando o círculo secundário ou *aréola* (§. XIV) se forma, e está acompanhado de picadas, comichão, inchação ou inflamação, porque neste caso costuma algumas vezes produzir-se uma chaga pequena que durante alguns dias, bota de si uma matéria purulenta, mas cura-se fácil e prontamente com os lavatórios emolientes e cobrindo-a com qualquer ceroto da mesma natureza, como o de espermacete etc.

§. XXXVI. O vacinado guardará aquele modo de vida ou regimento, que prudentemente devem observar todas as pessoas sadias, para não adoecer com o uso prudente das coisas que os médicos chamam não naturais, como a comida, a bebida etc.

§. XXXVII. Não é necessário dar ao vacinado, durante o curso da vacina, medicamento algum, nem o obrigar a certo e singular regimento, a fora sobrevindo algum acidente particular. Então, basta preveni-lo das causas das enfermidades e das indisposições.

§. XXXVIII. E como o vacinado pode padecer no curso da vacina, outra enfermidade, filha da estação, ou de outra causa, visto que a vacina somente preserva das bexigas ordinárias, e que não recebe nada das enfermidades, nem influi nelas, deve-se em tais circunstâncias curar a enfermidade que sobreveio sem contar com a vacina, a qual segue o seu curso sem confundir-se com aquela.

§. XXXIX. Pode também acontecer que alguns dias antes da vacinação tenha o vacinado adquirido já o contágio das bexigas ordinárias. Então, como o humor vacino não vai a tempo de impedir os efeitos do veneno bexigoso, seguem elas seu curso regular, e a vacina igualmente sem confundir-se umas com outras, ainda que alguns médicos franceses concordem e afirmem que em tal caso nunca viram bexigas confluentes e malignas. Devem-se, pois, estas curar com os remédios convenientes sem atender à vacina.

§. XL. Finalmente, tem-se manifestado, algumas vezes, poucos dias depois de praticada a vacinação, o sarampo, a escarlatina e outras enfermidades, que seguiram seus períodos regulares, e a vacina, depois, ainda que retardada, os seguiu igualmente.

§. XLI. Além de tudo isto (§. XXXII. XL.), cumpre que um médico seja o que declare o momento favorável para vacinar, como também se a vacina é verdadeira ou falsa, e que assista ao vacinado a fim de socorrê-lo noutras enfermidades que neste tempo lhe possam sobrevir.

ARTIGO XI.

Método seguro de conservar o humor vacino e mandá-lo para fora.

§. XLII. O humor vacino se pode conservar de três modos, a saber, em:

1º) fios de seda;

2º) chapinha de ferro polido, ou na ponta de uma lanceta;

3º) em vidro.

§. XLIII. O humor vacino posto nos fios de seda (§. XLII. 1º) tem um grande inconveniente que é formar-se em escamas, não se conservar totalmente nelas e não surtir de ordinário efeito. O que é conservado na chapinha e lanceta (§. XLII. 2), estas enferrujam-se, o humor piora e muda de natureza.

§. XLIV. Assim que (§. XLIII) o melhor e mais seguro método de conservá-lo bem, e de mandá-lo para fora, é entre dois vidros juntos. Aparelham-se, pois, uns pequenos círculos de vidro ou cristal do tamanho cada um de seis vinténs pouco mais ou menos; sobre um deles se põe o humor vacino, apanhado como fica dito (artigo IX.), o qual se seca logo, formando uma espécie de verniz; depois, põe-se lhe em cima o outro vidro e se tapa ou cobre ao redor com cera amolecida entre os dedos; metem-se

numa caixinha para melhor o preservar do ar e neste estado não somente se conserva muito tempo, mas também se pode remeter para longas distâncias.

ARTIGO XII.

Modo de usar do humor vacino conservado nos vidros.

§. XLV. Para se usar do humor vacino conservado deste modo (§. XLIV), se lhe tira a cera sem aquecê-la, depois separam-se os vidros e sobre aquele, em que está o humor vacino formando o verniz, se bota uma gotinha de água fria bem pura, e se mexe com a ponta do mesmo instrumento com que se há de fazer a operação, até que se desfça e adquira uma grossura algum coisa espessa. Então, se carregam dele as lancetas ou agulhas com que se hão de fazer a vacinação, e se faz esta, como já fica dito (artigo VIII).

ARTIGO XIII.

Mostra-se a preferência da vacinação.

§. XLVI. A observação já tinha mostrado a utilidade da inoculação das bexigas ordinárias, e já suas vantagens eram conhecidas pela maior parte dos médicos, afora de alguns que no seu princípio se haviam oposto, como costuma acontecer às coisas novas e aos grandes descobrimentos. Ora se a vacinação ou enxertia das bexigas vacuns fosse mais arriscada e incômoda do que a inoculação das bexigas comuns, ou se a operação pedisse maior trabalho, então mui razoavelmente se deveria conservar uma prática mais antiga, mas como a observação tem mostrado que nas bexigas vacuns não se corre risco, que elas não se comunicam senão por contato, e que a operação é fácilima, podendo-se fazer em todas as idades sem perigo, claro está que a enxertia destas bexigas deve praticar-se com preferência à outra.

§. XLVII. Não obsta a isto (§. XLVI.) dizer-se: 1º) que falta ainda um suficiente número de observações; 2º) que se não deve introduzir no gênero humano uma doença nova, trazida dos animais irracionais; 3º) que morrera já um dos vacinados. À primeira dúvida se responde que, além da tradição imemorial daqueles povos da Inglaterra, onde começou a descobrir-se, existem já mais de cinco mil observações feitas de propósito em todas as nações da Europa, sem excetuar Portugal; à segunda que não deve haver receio de introduzir uma doença inocente que livra de outra tão funesta,

como as bexigas ordinárias; e à terceira se responde que ainda quando o exemplo apontado não fosse, como se provou já, efeito do contágio das bexigas ordinárias que tinha recebido antes da vacinação, um só caso funesto é tão pouco em comparação dos muitos que morreriam sem esta operação e do grande número das pessoas livres por meio dela que não se deve tardar nada em espalhar e promover um remédio tão vantajoso e útil à humanidade.

§. XLVIII. É, pois, para desejar que todos os médicos, a quem compete este nobre e honroso emprego, hajam de batalhar em recolherem observações para as publicarem com a sinceridade que os enobrece. Deste modo, serão verdadeiramente dignos do nome do médicos. Mas, é também necessário que os outros homens e as mães de famílias sacrifiquem seus prejuízos à saúde, felicidade e vida de seus filhos e de seus semelhantes. Quantos serão dignos da nossa veneração, respeito e reconhecimento aqueles que se esquecerem de seus prejuízos? Não os perseguirá a mágoa e os remorsos, e a Posteridade os cobrirá de bençãos, como a seus generosos benfeitores.

FIM.



Estampa I. figura. A, B, C, D e E.



Estampa I. figura. A, B, C, D e E.